

PROVA MATRIZ DE PORTUGUÊS – EFOMM 2009

Leia atentamente o seguinte texto:

ENCONTRO NA PRAÇA

José Luís da Cunha Fernandes, morador no Saco de São Francisco, uma tarde dessas, teve um encontro singular. Ia voltar de barca para Niterói e portava sua máquina fotográfica. Sua intenção era pegar o pôr-do-sol no Rio de dentro da barca. Mas ali na Praça 15 de Novembro, em frente à estação de embarque, deu-se o encontro de José Luís com uma rara personalidade.

Ninguém reparava nela, no insólito de sua presença, no inesperado de sua postura, em tudo que era de chamar atenção. Mas José Luís, que sabe ver, e não apenas olhar, maravilhou-se. Maravilhou-se e voltou imediatamente à infância, pois o ser que ali se encontrava parado em meio à multidão, ele o conhecera em menino, e desde então nunca mais o vira. Nunca. E de tanto não o ver, por assim dizer se esquecera dele. As conversas, as leituras, as atividades de todo dia não costumam referir-se à existência dessa figura de repente desaparecida. Então, ela ficara encaixotada num desvão da memória, mas tão escondido estava o caixote que era como se não existisse. E assim se passaram anos.

O que José Luís encontrou na Praça 15 foi uma esperança.

E estava pousada no alto da caixa de correio. Estava pousada.

Quantas crianças de hoje conhecem a esperança? Quantas ligam esse nome a um organismo vivo, que habita o folclore pela cor, que é promessa de felicidade? Menino do interior ainda pode ver, um dia ou outro, a esperança. Menino da cidade, terá muita sorte se a encontrar no Alto da Boa Vista ou no Parque da Cidade. Mas no cotidiano dos bairros superpovoados, nas ruas inteiramente plantadas de edifícios secos e agrestes, quem já viu esse bichinho? Quem sabe de sua esperteza em imitar folhas de arbusto, iludindo não só os outros insetos, que ele deseja papar, mas até a gente?

Pois em contrário a todas as possibilidades, a esperança postara-se naquele trecho febril do Rio de Janeiro, não ligando para o tumulto, a pressa, o barulho, a poeira, o fumo de descarga dos veículos. Ele elegera o cocuruto da caixa da ECT para a habitação provisória. Ali estava, quieta, verde, ortóptera, saltadora mas imóvel, mimética mas em sua cor natural, estridulante mas silenciosa, guardando todas as potencialidades: simplesmente esperança, esperança para servi-los.

E em que servia a esperança ao povo que ia quase correndo e não lhe dava a mínima confiança? Só José Luís era capaz de sabê-lo, por ser o único a tomar conhecimento do inseto em cima da caixa. Percebeu logo que a esperança cumpria delicada tarefa.

Em primeiro lugar, oferecia ou tentava oferecer boas notícias nas cartas colocadas no interior da caixa. Palavras de carinho, promessas de emprego, reconciliações, doente que ficou bom, dívida que se conseguir pagar, beijos. Talvez as cartas dissessem o contrário disso, mas a esperança concentrava seu princípio influente nas próximas correspondências, as definitivas. Bem que a ECT podia designar a esperança para seu logotipo. Inseto ágil, pulando como ele só: imagem de velocidade, que se vem conseguindo implantar no tráfego postal.

Em seguida, a esperança dirigia-se a todos, que voltavam a Niterói ou vinham de lá; e ainda aos avulsos, que ficam por aqui mesmo, e transitam na Praça. “Ó vós todos que passais, aqui estou (dizia a esperança em seu falar tetigonídeo, que o vulgo infelizmente não capisca) para que repareis o meu verde e o guardeis na rotina pelo que ele vale. Vale o melhor. Vale a capacidade de transformar o real em transreal e usufruir as coisas deleitáveis que esse pode distribuir em forma de paz de espírito e coração sensível. Nem tudo é sujo na vida. Há claridades. Mas a claridade começa dentro de você, de vós mesmos... Depois é que ela se espalha pela cidade e pela vida dos outros. Eu, a esperança, à maneira dos reis antigos, vos envio saudar.”

Ninguém ouviu, ninguém traduziu. Só José Luís, que documentou a presença da esperança, fotografando-a. Ia fotografar o crepúsculo, mas antes teve a sorte de fotografar nada menos que uma virtude teologal em minúscula forma vivente.

Carlos Drummond de Andrade

Lido o texto, **observe atentamente** cada quesito e assinale somente **UMA** alternativa correta em cada questão.

21ª Questão:

Atendo-se ao sentido global do texto, revela-se, implicitamente, uma visão de mundo preocupada com

- (A) as diferenças significativas entre os estilos de vida das pessoas do interior e das cidades populosas.
- (B) a extinção de alguns animais, em consequência do desmatamento desenfreado e das construções irregulares nas grandes cidades.
- (C) a necessidade de o ser humano sobreviver às dificuldades inerentes ao cotidiano, mediante uma perspectiva existencial mais otimista e confiante.
- (D) a agressividade, a violência e as dificuldades na vida dos habitantes dos grandes centros urbanos.
- (E) as características biológicas do inseto conhecido como “esperança”, justificando as associações com a tradição folclórica, que o associa à “promessa de felicidade”.

22ª Questão:

Ao afirmar que José Luís “sabe ver, e não apenas olhar”(2º§), o cronista sugere uma particularidade com relação aos significados de ver e olhar. Assinale a opção em que essa particularização semântica é adequadamente definida, de acordo com o contexto do personagem José Luís.

- (A) Ver significa apenas registrar no cérebro os estímulos da realidade externa.
- (B) Olhar e ver apresentam um único e mesmo significado, baseado no sentido da visão.
- (C) Olhar representa a atenção com que se observa a realidade, procurando conhecer profundamente os objetos que a compõem.
- (D) Olhar significa fixar atentamente os olhos nos detalhes da realidade imediata, procurando reconhecê-la.
- (E) Ver pressupõe um conhecimento de mundo que ultrapassa a realidade objetiva, com a intenção de apreendê-la subjetivamente.

23ª Questão:

No texto, o termo ESPERANÇA é apresentado a partir de uma ambigüidade: designa o inseto ortóptero, de cor verde (semelhante ao gafanhoto), e/ou sugere o sentimento de fé, baseado na expectativa de algo que se deseja. Assinale a frase, retirada do texto, que revela explicitamente as duas possibilidades semânticas do termo.

- (A) “O que José Luís encontrou na Praça 15 foi uma esperança.”(3º§)
- (B) “Menino do interior ainda pode ver, um dia ou outro, a esperança.”(5º§)
- (C) “(...) a esperança dirigia-se a todos, sem exceção, que voltavam a Niterói ou vinham de lá (...)”(9º§)
- (D) “Só José Luís (...) teve a sorte de fotografar nada menos que uma virtude teologal em minúscula forma vivente.”(10º§)
- (E) “Pois em contrário a todas as possibilidades, a esperança postara-se naquele trecho febril do Rio de Janeiro (...)” (6º§)

24ª Questão:

O texto apresenta algumas perguntas retóricas(5º§), que apenas mobilizam a atenção do leitor, provocando-lhe reflexões relativas ao tema. Assinale a opção cuja pergunta corresponde à declaração final da esperança – “Eu, a esperança, à maneira dos reis antigos, vos envio saudar.”(9º§)

- (A) “Quantas crianças de hoje conhecem a esperança?”.
- (B) “Quem sabe de sua tradição em anunciar boas novas?”.
- (C) “(...) no cotidiano dos bairros super povoados, quem já viu esse bichinho?”.
- (D) “Quantas crianças de hoje conhecem a esperança? Quantas ligam esse nome a um organismo vivo (...) que é promessa de felicidade?”.
- (E) “Quem sabe (...) de sua esperteza em imitar folhas de arbusto, iludindo não só os outros insetos, (...) mas até a gente?”.

25ª Questão:

No penúltimo parágrafo, o cronista teatraliza a voz do inseto esperança. Assinale a opção em que se justifica a função do discurso direto, através do qual a esperança se pronuncia.

- (A) A fala do inseto confirma objetivamente o que José Luís conseguiu ouvir, de fato, naquele encontro na praça.
- (B) Dá-se ao leitor a impressão de que foi mantida a integridade subjetiva do discurso da esperança, conferindo autenticidade ao que ela representava.
- (C) A partir da fala do inseto, o cronista revela, explicitamente, suas próprias idéias sobre a degradação da natureza.
- (D) A voz do inseto reflete o distanciamento e a revolta do povo que transita pela praça todos os dias.
- (E) Trata-se de um recurso formal para fantasiar a realidade, mantendo o leitor indiferente aos problemas sociais que ele enfrenta.

26ª Questão:

“Então, ELA ficara encaixotada num desvão da memória (...)”(2º§). O pronome pessoal de 3ª pessoa, destacado na frase acima, refere-se ao termo, anteriormente citado,

- (A) esperança.
- (B) existência.
- (C) infância.
- (D) multidão.
- (E) figura.

27ª Questão:

No terceiro parágrafo, o autor revela o que foi encontrado por José Luís. É, no entanto, no quarto parágrafo que desfaz qualquer possibilidade de ambigüidade. Que recurso utiliza?

- (A) Elipse.
- (B) Aliteração.
- (C) Redundância.
- (D) Omissão.
- (E) Sinédoque.

28ª Questão:

“Mas no cotidiano dos bairros superpovoados, nas ruas inteiramente plantadas de edifícios secos e agrestes, quem já viu esse bichinho?”(5º§) Por esse fragmento, notamos que o autor assume uma postura

- (A) alegre.
- (B) nostálgica.
- (C) de protesto.
- (D) triste.
- (E) sábia.

29ª Questão:

“Ali estava, quieta, verde, ortóptera, saltadora mais imóvel, mimética mas em sua cor natural, estridulante mas silenciosa, guardando todas as potencialidades: simplesmente esperança, esperança para servi-los.” (6º§)

As palavras sublinhadas podem ser substituídas respectivamente, sem prejuízo de sentido, por

- (A) estridente e imitada.
- (B) imitadora e estridente.
- (C) imitadora e extenuante.
- (D) paralisada e estridente.
- (E) imitante e acidulada.

30ª Questão:

O que sublinhado cumpre função sintática diferente da dos demais na opção:

- (A) “Ninguém reparava nela, no insólito de sua presença, no inesperado de sua postura, em tudo que era de chamar a atenção.”
- (B) “Quantos ligam esse nome a um organismo vivo, que habita o folclore pela cor (...)”
- (C) “De sua esperteza em imitar folha de arbusto, iludindo não só os outros insetos que ele deseja papar, mas até a gente?”
- (D) “E em que servia a esperança ao povo que ia quase correndo e não lhe dava a mínima confiança?”
- (E) “Só José Luís, que documentou a presença da esperança, fotografando-a.”

31ª Questão:

Diz-se que locuções conjuntivas, preposicionais ou adverbiais que têm como base uma palavra feminina levam o acento grave indicativo de crase. Tal situação ocorre em

- (A) “Mas ali na Praça 15 de Novembro, em frente à estação de embarque (...)”
- (B) “Maravilhou-se e voltou imediatamente à infância pois o ser (...)”
- (C) “(...) que ali estava parado em meio à multidão ele o conhecera menino.”
- (D) “As conversas, as leituras, as atividades de todo dia não costumam referir-se à existência dessa figura de repente desaparecida.”
- (E) “Eu, a esperança, à maneira dos reis antigos, vos envio saudar.”

32ª Questão:

As expressões sublinhadas denotam circunstâncias idênticas, EXCETUANDO-SE a expressão da opção:

- (A) “José Luís da Cunha Fernandes, morador no Saco de São Francisco, uma tarde dessas, teve um encontro singular.” (1º§)
- (B) “(...) pois o ser que ali se encontrava parado em meio à multidão, ele o conhecera em menino, e desde então (...)” (1º§)
- (C) “Menino do interior, ainda pode ver, um dia ou outro, a esperança.” (5º§)
- (D) “Pois em contrário a todas as possibilidades, a esperança postara-se naquele trecho febril do Rio de Janeiro, não ligando (...)” (6º§)
- (E) “Em seguida, a esperança dirigia-se a todos, sem exceção, que voltavam a Niterói ou vinham de lá.” (9º§)

33ª Questão:

Um dos períodos abaixo foi ERRONEAMENTE classificado. Assinale a opção em que esse erro ocorre.

- (A) “José Luíz da Cunha Fernandes, morador no Saco de São Francisco, uma tarde dessas, teve um encontro singular.” (período simples)
- (B) “Sua intenção era pegar o pôr-do-sol no Rio de Janeiro dentro da barca.” (oração subordinada substantiva predicativa)
- (C) “Percebeu logo que a esperança cumpria delicada tarefa.” (oração subordinada adverbial temporal)
- (D) “Depois é que ela se espalha pela cidade e pela vida dos outros.” (oração absoluta)
- (E) “Talvez as cartas dissessem o contrário disso, mas a esperança concentrava seu princípio influente nas próximas correspondências, as definitivas.” (oração coordenada sindética adversativa)

34ª Questão:

O período dentro do qual existe um termo que cumpre a função de sujeito inexistente encontra-se na opção:

- (A) “José Luíz da Cunha Fernandes, morador no Saco de São Francisco, uma tarde dessas, teve um encontro singular.”
- (B) “Ninguém repara nela, no insólito de sua presença, no inesperado de sua postura (...)”
- (C) “Quem sabe de sua tradição de anunciar boas novas?”
- (D) “As conversas, as leituras, as atividades de todo dia não costumam referir-se à existência dessa figura de repente desaparecida.”
- (E) “Há claridade. Mas a claridade começa dentro de você, de vós mesmos.”

35ª Questão:

O acento gráfico da palavra sublinhada que se justifica por uma regra diferente da das demais palavras aparece na opção:

- (A) “Ia voltar de barca para Niterói e (...)”
- (B) “Ninguém reparava nela (...)”
- (C) “(...) que ele deseja parar mas até a gente?”
- (D) “Só José Luíz era capaz de sabê-lo por ser (...)”
- (E) “Mas a claridade começa dentro de você (...)”

36ª Questão:

“Ó vós todos que passais, aqui estou (dizia a esperança em seu falar...)”

Se a esperança se dirigisse aos destinatários, de diferentes modos, ela cometeria ERRO de concordância na construção que aparece na opção:

- (A) “Tu que passas, aqui estou (...)”
- (B) “Você que passa, aqui estou (...)”
- (C) “Vossa Senhoria que passais, aqui estou (...)”
- (D) “Vocês que passam, aqui estou (...)”
- (E) “Vossas Senhorias que passam, aqui estou (...)”

37ª Questão:

Pode-se dizer que NÃO se trata de um pronome pessoal aquele sublinhado na opção:

- (A) “(...) o ser que ali encontrava parado em meio à multidão, ele o conhecera em menino (...)”
- (B) “E de tanto não o ver por assim dizer se esquecera dele.”
- (C) “Então, ela ficara encaixotada num desvão da memória.”
- (D) “E em que servia a esperança ao povo que ia, quase correndo e não lhe dava a mínima confiança?”
- (E) “Só José Luíz era capaz de sabê-lo por ser o único a tomar (...)”

38ª Questão:

No que respeita à colocação do pronome átono é possível, observando a norma culta, deslocá-lo no período. Tal ocorrência poderia se dar na opção:

- (A) “Maravilhou-se e voltou imediatamente à infância pois o ser (...)”
- (B) “(...) pois o ser que ali se encontrava parado em meio à multidão.”
- (C) “E em que servia a esperança ao povo que ia quase correndo e não lhe dava a mínima confiança?”
- (D) “Em seguida , a esperança dirigia-se a todos, sem exceção, que voltavam a Niterói (...)”
- (E) “Só José Luíz, que documentou a presença da esperança, fotografando-a”

39ª Questão:

Na transposição da voz ativa para a voz passiva ocorre uma INADEQUAÇÃO, que aparece na opção:

- (A) “Percebeu logo que a esperança cumpria delicada tarefa.” **Percebeu logo que delicada tarefa era cumprida pela esperança.**
- (B) “Talvez as cartas dissessem o contrário disso.” **O contrário disso talvez fosse dito pelas cartas.**
- (C) “(...) desde então nunca mais o vira.” **... desde então nunca mais fora visto por ele.**
- (D) “Quantas crianças de hoje conhecem a esperança?” **A esperança é conhecida por quantas crianças de hoje?**
- (E) “E elegera o cocoruto da caixa da ECT como habitação provisória.” **E o cocoruto da caixa da ECT fora elegido como habitação provisória.**

40ª Questão:

As formas verbais sublinhadas apresentam-se no infinitivo, à exceção de uma, que aparece na opção:

- (A) “Ia voltar de barca para Niterói e (...)”
- (B) “As conversas, as leituras, as atividades de todo dia não costumam referir-se à existência dessa figura.”
- (C) “E de tanto não o ver, por assim dizer, se esquecera dele.”
- (D) “Menino da cidade terá muita sorte se a encontrar no Alto da Boa Vista ou no Parque da Cidade.”
- (E) “Menino do interior pode ver um dia ou outro a esperança.”